

APRENDI A RESPEITAR O TEMPO DA NATUREZA ...



**DIZERES SOBRE
A ESCOLA DE FORMAÇÃO
DE JOVENS EM
AGROECOLOGIA
E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL**

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES ALTERNATIVOS - AAGRA

Sítio Jacará, S/N, Zona Rural - Igaci - Alagoas

CEP: 57.630-000 | Contato: 82 3423.1300

E-mail: ugmaagra@yahoo.com.br

DIRETORIA

Presidente

José Ferreira de Araújo

Vice-presidente

Josivan Pereira da Silva

Tesoureira

Maria Aparecida Vieira Barros

Secretária

Maria de Souza Santos

Conselho Fiscal

José Senival Felix Cavalcante

Rosivania Vieira Silva Leite

Maria Paixão da Silva

Coordenação Institucional

Maria Eunice de Jesus

Gerente Institucional

Edson Simplicio da Silva

Equipe do Programa de Educação do Campo e Agroecologia

Cristianlex Soares dos Santos

Wanderson Mulato de Andrade

Maria do Amparo de Brito Costa

Organização

Coletivo Macambira

Elaboração

Simone Lopes de Almeida

Projeto Gráfico e Diagramação

Coletivo Macambira

Amaury Wagner

Capa

Amaury Wagner

Imagens da capa

Arquivos AAGRA

Impressão

Centergraf

EXPEDIENTE





EXPERIÊNCIAS RADICAIS DE SER, CARREGADAS DE SABEDORIA E LIDA, PRECISAM VIRAR LETRA, PALAVRA E PÁGINA PARA COMPOR HISTÓRIA. PARA NÃO SE PERDEREM EM CACOS – DE MIM, DE NÓS, DE VIDA –, PRECISAM SER REGISTRADAS. PARA SE CONSTITUÍREM EM CENÁRIO HUMANO E RUMO, SIGNIFICANDO O ESTAR NO MUNDO, NECESSITAM DE REFLEXÃO...

(ELZA MARIA FONSECA FALKEMBACH)

A sistematização de experiências em agroecologia tem sido um marco importante para as diversas iniciativas construídas de forma coletivas por muitos atores, organizações e movimentos que disseminam práticas e promovem transformações não apenas ambiental, mas, política, econômica e social, e a Associação dos Agricultores Alternativos – AAGRA por meio desta cartilha está trazendo a experiência da Escola de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, em especial os dizeres e os saberes acumulados durante a formação da quinta turma que iniciou em meados de 2016 e está finalizando em 2017. Lembremos que a sexta turma já se inicia...

Sim! Pois a Escola de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável trata-se de uma formação continuada, e tem foco na juventude camponesa. Abrimos um debate político e ideológico no campo das diversas áreas do conhecimento, e articulamos diversos parceiros, desde os grupos comunitários, igrejas, movimentos e pastorais sociais, sindicatos e universidades na formação desses jovens, tendo a agroecologia como forma de construir princípios e valores para a vida.

Acreditamos que além de anunciar processos agroecológicos essa sistematização também pode trazer subsídios, os quais contribuam para a construção de outras experiências, bem como, favorecer a reflexão sobre os ensinamentos que aportam as práticas agroecológicas por meio de iniciativas locais não apenas no Semiárido, território onde está plantada a escola, mas em distintas regiões do estado de Alagoas, onde o campesinato e a agricultura familiar resistem e superam os modelos antagonicos.

Há um imenso sentimento de gratidão a todos que se envolveram durante esta caminhada desde o principio: educadores, lideranças comunitárias, organizações, gestores públicos e financiadores. Aqui, está expresso de forma suscinta um sonho sonhado por muitos, e esta publicação descreve a história dessa experiência, ensinamentos e aprendizados multos, esperamos que você goste.





Essa é uma história construída a muitas mãos e já possui certa caminhada, não muito longa, mas também nem tão jovem, afinal a Escola de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável já formou cinco turmas, envolvendo mais de 200 adolescentes e jovens, com muitos frutos, de uma árvore carregada de sonhos e parcerias.

Para a organização das turmas a escola tem o apoio de educadores e colaboradores que pensam sobre o processo político e metodológico do curso, buscando assim qualificar as ações propostas na organização curricular, envolvendo conteúdos teóricos e práticos, a partir das diversas áreas do conhecimento.

Os temas abordados têm o suporte técnico educativo tanto da área acadêmica, como também do saber acumulado pelas experiências de vida dos agricultores experimentadores, pois a filosofia da escola defende que é preciso levar em consideração os diversos saberes para construção de um projeto de vida libertadora para a geração atual e futura.

OBJETIVOS DA ESCOLA

OBJETIVOS GERAL:

Desenvolver processo de formação continuada para adolescentes e jovens do Semiárido alagoano, a fim de, contribuir com sua educação sociopolítica e conseqüentemente elevar a qualidade e nível de vida a partir da valorização da agricultura familiar agroecológica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Realizar formação continuada para os educadores envolvidos no programa, tendo com base as metodologias e princípios políticos pedagógicos, voltados para as especificidades do campo;
- Capacitar adolescentes e jovens agricultores em práticas e técnicas de produção agroecológica;
- Implantar de tecnologias apropriadas à região;
- Desenvolver estratégias de comercialização para os produtos advindos dos sistemas agroecológicos, tendo como princípio as diretrizes da economia solidária;

- Contribuir para organização de adolescentes e jovens, através da dinâmica de trabalho em rede;
- Estimular a constituição de fundo alternativo, como um dos meios para que os empreendimentos tenham sustentabilidade.

MISSÃO

Ser uma escola de referência que prime por uma formação integral e contextualizada para adolescentes e jovens, a fim de possibilitar a criação e disseminação de práticas agroecológicas e sustentáveis, que resgate e valorize as raízes culturais dos povos do campo, tornando-os protagonista de um processo de mobilização para transformação social no Semiárido alagoano

Linha do tempo

POR SERES TÃO INVENTIVO

E PARECERES CONTÍNUO

TEMPO TEMPO, TEMPO, TEMPO

ÉS UM DOS DEUSES MAIS LINDOS

TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO. (CAETANO VELOSO)

Em 2008 com o apoio da Visão Mundial a AAGRA dar início a primeira experiência! A escola se constituiu a partir da necessidade de garantir formação continuada e promover ações para uma política de desenvolvimento sustentável para juventude camponesa, com possibilidade de transformação social e protagonismo no meio em que vivem. Uma necessidade identificada com base no trabalho realizado pela AAGRA e pelas instituições co-parceiras junto às comunidades atendidas pelo Programa de Desenvolvimento de Área – PDA.

A segunda turma foi em 2010, apoiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA e pelas prefeituras do Agreste, conseguindo reunir adolescentes e jovens de 16 municípios deste território, significando um alargamento nas ações e disseminação da proposta do desenvolvimento sustentável na região.

Em 2011 foi concluído o Projeto Político Pedagógico da escola, onde as organizações que realizavam também cursos de agroecologia puderam nivelar a grade curricular, se consolidando a proposta de escola e não mais cursos isolados. Neste mesmo ano e no ano seguinte a escola foi apoiada pela primeira vez pela Fundação Itaú Social, já estávamos na terceira turma.

A quarta turma nos anos de 2014 e 2015, construímos com recursos financeiros próprios, mas também tivemos o apoio do Movimento Pró-Desenvolvimento Comunitário - MPDC e dos educandos de Alagoas que estavam concluindo o Curso Técnico de Agroecologia no SERTA que fica em Pernambuco.

Em todos esses anos de escola tivemos a valiosa participação e contribuição da Articulação no Semiárido Brasileiro – ASA, bem como, das organizações que compõe a rede no estado de Alagoas.

PARCERIAS, HOMENAGENS E HISTÓRIAS DE VIDA...

Os ventos sopram no ano de 2016 para fortalecimento das parcerias e um olhar para os que trilharam a agroecologia e são exemplos. A quinta turma: Florentino Henrique Cavalcante, que trouxe a história deste camponês que plantou sonhos e colheu vida, saúde, consciência política e uma descendência de filhos e netos propagadores da agroecologia.

Sem falar nas parcerias com o Itaú Social que apoiou essa ação pela segunda vez e a Universidade Federal de Alagoas-UFAL que transformou a formação em um curso de extensão.

A formação em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável selecionou 40 jovens, o processo se deu com a pré-inscrição dos candidatos, que passaram por uma avaliação a partir da produção de um texto (redação) com tema “Saúde, alimentação e desenvolvimento sustentável no Semiárido”, além de uma entrevista onde puderam expressar sobre sua intenção em participar do referido curso. Essas ações provocaram uma aproximação entre as organizações e entidades parceiras no conhecimento prévio sobre o perfil dos educandos da nova turma, como a Universidade Federal de Alagoas que contribuiu no processo.

O curso iniciou com um Encontro Intermunicipal da Juventude Rural que envolveu a participação de 180 adolescentes e jovens, 20 educadores sociais e diversos líderes comunitários, ao todo foram 22 comunidades rurais participantes. Durante 02 dias foram realizadas mesas e oficinas temáticas que resultaram na elaboração de um conjunto de propostas a serem transformadas em políticas públicas para atenderem aos anseios da juventude camponesa.

Finalizaram o curso 28 jovens e adolescentes, 20 educadores da universidade e movimentos sociais foram facilitadores do curso e 10 comunidades rurais do município de Igaci serviram de campo para pesquisa e implementação de práticas agroecológicas.



1 . DIZER E FAZER AGROECOLOGIA



O programa da Escola de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável tem sua matriz curricular organizada a partir de eixos temáticos, os quais são elaborados mediante o contexto e necessidade em que os educandos estão inseridos contemplando ações educativas para Tempo Escola e o Tempo Comunidade, a fim de que essa formação considerada inovadora transforme-se em projetos empreendedores, possibilitando um avanço na formação sociopolítica dos adolescentes e jovens envolvidos, bem como um aumento da geração de renda a partir da valorização da Agricultura Familiar camponesa.

Dessa forma a organização curricular do curso é norteada a partir de quatro eixos centrais:

- 1º. Identidade
- 2º. Formação Sociopolítica
- 3º. Agroecologia: uma proposta sustentável para Semiárido
- 4º. Justiça econômica

Estes são temas centrais que se desdobram em subtemas, de forma que todos os estudos focalizem o eixo central que é chegar a uma inclusão dos princípios e práticas da Agricultura Familiar camponesa e da Sustentabilidade.

METODOLOGIA

A proposta pedagógica e curricular da escola ocorre por meio da organização dos tempos e espaços formativos. A metodologia da Pedagogia da Alternância é considerada Matriz Pedagógica de organização dos tempos e espaços para a realização do processo de ensino e aprendizagem.

A alternância é uma metodologia desenvolvida pela conjugação de períodos alternados de formação na escola e na família e pelo uso de instrumentos pedagógicos específicos: Tempo Escola e Tempo Comunidade.



2 . CONHECENDO O CHÃO QUE PISA



O TEJO É MAIS BELO QUE O RIO QUE CORRE PELA MINHA ALDEIA,
MAS O TEJO NÃO É MAIS BELO QUE O RIO QUE CORRE PELA MINHA
ALDEIA

[...]

PORQUE O TEJO NÃO É O RIO QUE CORRE PELA MINHA ALDEIA,

[...]

MAS POUCOS SABEM QUAL É O RIO DA MINHA ALDEIA

E PARA ONDE ELE VAI

É DONDE ELE VEM.

É POR ISSO, PORQUE PERTENCE A MENOS GENTE,

É MAIS LIVRE E MAIOR O RIO DA MINHA ALDEIA.

(FERNANDO PESSOA)



Antes de tentarmos entender qualquer coisa no mundo, precisamos conhecer primeiro o lugar e as pessoas que estão mais próximas da gente. Quando olhamos para nós mesmos e nos enxergamos como pessoas capazes de transformar uma realidade de forma positiva, uma mudança já se inicia no universo das ideias a fim de transformar-se em ações concretas.

Por isso, que a Escola de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável antes de iniciar qualquer conteúdo, a primeira tarefa é desenvolver um Diagnóstico Rápido Participativo, este além de contribuir no conhecimento sobre o lugar onde cada um e cada uma habitam, também traz orientações importantes para o curso.

O DRP permite que os educandos façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a planejar, autogerenciar e desenvolver atividades em suas comunidades de acordo com o que o estudo apontar. Desta maneira, poderão compartilhar experiências e conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação, baseando-se na criatividade e nos seus próprios conceitos e critérios, tanto na elaboração do diagnóstico, quanto em sua aplicação, da mesma forma, deverão partir para as ações que fomentem o desenvolvimento sustentável da comunidade.





São narrativas de sujeitos envolvidos no processo, que sentem suas vidas transformadas a partir da formação.

“Em 2013 fui inserida no Curso de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável através da Rede de Educação Contextualizada do Agreste e Semiárido- RECASA, que me proporcionou a vaga no Curso e a Secretaria de Educação-SEMED, e a Prefeitura Municipal de Teotônio Vilela, AL que apoiaram e foram parceiros na jornada.


Sempre tive muito interesse pelas questões relacionadas ao meio ambiente, em cada módulo do curso eu adquiria vários conhecimentos com cada temática trabalhada, tanto nas aulas teóricas, como nas aulas práticas ,e os trabalhos Tempo Comunidade eram realizados na Escola Municipal de Educação Básica José Germano, com a ajuda de toda comunidade escolar do Povoado Tapera, Zona Rural, do município de Teotônio Vilela, e atualmente estou na Direção Geral da Escola.

O Curso contribuiu muito na melhoria da minha qualidade de vida, pois passei a ser mais sensibilizada e consciente, aprendi a respeitar o tempo da natureza e também consegui mudanças na minha casa e na escola da minha comunidade, e hoje transmito os conhecimentos adquiridos sobre a agroecologia e o desenvolvimento sustentável para os professores das Escolas em que atuo como Gestora Escolar.”

Verônica, município de Teotônio Vilela/AL

“Em 2005 recebi o certificado do Curso de Mobilização Social e Agroecologia, realizado pela AAGRA, um momento que mudaria minha vida, curso que surge com a ideia de transformar a vida de jovens rurais que sonhavam com sua permanência no campo. A motivação, a coragem e o processo de capacitação em políticas públicas eram o tempero da primeira versão do curso, que seria pioneiro em formar jovens para se tornarem protagonistas.

Surge a partir do curso um grupo de jovens que junto com a AAGRA se desafiaram a experimentar esse processo de formação, que na época era tão inovador, grupo de jovens tinha o espírito de militantes que foram capazes de mobilizar o comitê da juventude de Igaci, o qual começou a lutar por políticas para a juventude. Nesse sonho que todos sonhamos, obtive meu primeiro



empreendimento rural, e o curso veio para nos capacitar em desenvolvimento sustentável e políticas públicas, sendo a base para o início de várias transformações sociais em minha vida e na vida de inúmeros jovens de Igaci.

Era tão lindo esse processo, que contagiou comunidades, lideranças e instituições. Um curso que transformou vidas e vidas transformaram outras vidas, assim nessa roda de conhecimentos e incentivos continuei a estudar com o apoio da AAGRA fazendo um curso técnico em agropecuária ecológica no Rio Grande do Sul.”

Aparecida Mendonça Silva, Comunidade Pé de Serra, Igaci/AL.

“Aos meus doze anos por incentivo de minha mãe, começo a participar das ações comunitárias de minha comunidade, na Associação Comunitária Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no Povoado Lagoa do Félix-Igaci. O protagonismo juvenil era algo desconhecido para mim, via sempre outros jovens envolvidos na época no Comitê Municipal da Juventude e discutir sobre a juventude por iniciativa da AAGRA – Associação de Agricultores Alternativos.

Em 2006, aos meus treze anos participei da primeira AGO da AAGRA, ao momento em que minha mãe como sócia foi sorteada com uma vaga no curso de Informática da Escola de Informática e Cidadania (EIC), o curso era para os filhos/as dos sócios, então comecei a participar das aulas de informática, e conseqüentemente de outras ações voltadas a juventude, que eram: Intercâmbios Agroecológicos, Visitas Técnicas as Famílias Experimentadoras entre outras.

A partir do envolvimento com essas atividades despertei um olhar, uma vontade de aprender e me envolver nesses espaços, com a Agroecologia. Foi quando em 2007 teve início a primeira turma de Formação em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, da minha comunidade foram selecionados cinco jovens, eu fui um deles, vivenciei várias experiências ricas de conhecimento, cada módulo que construía uma formação social.

Essa jornada na Escola de Formação me proporcionou outros caminhos, contribuir com as turmas seguintes, contribuir como colaborador na equipe técnica da instituição, ingressar em curso de nível técnico em Agroecologia – recursos naturais, e chegar a Graduação – Licenciatura em Educação do Campo, méritos de uma formação que eleva o autoestima do jovem, que permite o jovem ser protagonista e alcançar seus maiores objetivos por meio de uma formação social e sobretudo construtiva”.

Wanderson Mulato de Andrade - Povoado Lagoa do Félix-Igaci/AL

“Eu, Thales da Silva Gomes, tenho 19 anos, moro no Sítio Algodãozinho zona rural de Palmeira dos Índios - AL. Meu ingresso no curso de Agroecologia se deu a partir de um convite da Diretora Maria Julieta, Diretora da escola onde minha mãe trabalha. Julieta falou para minha mãe que tinha recebido um convite da senhora Cristianlex para participar também. Assim minha mãe foi, chegando lá ela perguntou a Cristianlex se eu poderia participar também, então ela disse que sim.

Thales da Silva Gomes - Sítio Algodãozinho/Palmeira dos Índios/Alagoas





4 . É NO CONTAR QUE SE REVELAM OS TESOUROS DA MEMÓRIA



O Semiárido é lugar onde se constrói experiências de convivência para além do clima e da geografia, a cultura presente neste chão cria um elo entre as pessoas e a natureza. Essa ultima parte da cartilha reservamos para as histórias, são textos produzidos pelos educandos e educandas, os quais possuem elementos de memória e identidade, mitos de fundação, fluxos e fronteiras culturais, bem como as dinâmicas territoriais inerentes ao Semiárido.

São histórias reais, imaginárias e encantadas, sobre o cotidiano do universo camponês:

A HISTÓRIA DE UMA OVELHA ENJEITADA, A MELISSA


*De Josefa Patrícia da Silva
Comunidade Quixabeira-Igaci/AL*

Melissa era apenas uma ovelhinha quando foi encontrada no mato por um dos trabalhadores da fazenda onde o pai de Carla Valéria até hoje trabalha. Ela estava fraca quase morrendo, pois assim que nasceu foi enjeitada por sua mãe, que não tinha leite o suficiente para alimentá-la. Então, o homem, dono da fazenda disse:

– Vamos deixar morrer não tem jeito, por que para criar uma ovelha enjeitada necessita de tempo e atenção, e isso os trabalhadores da fazenda não tem.

Então seu Cícero pai de Carla Valéria pediu a ovelhinha para sua filha criar. Ela logo de início adorou a ideia de cuidar do animal, onde com o passar do tempo mais parecia um membro da família. Pra onde ela andava a ovelhinha ia atrás. Várias vezes quando Carla precisava sair de sua casa lá ia Melissa com ela e o marido, até de moto Melissa andava. Assim foi crescendo forte e saudável.

O tempo foi passando e quando menos esperavam ela começou um novo ciclo em sua vida, a ovelhinha estava amojada, assim chamam por aqui quando ovelhas ou vacas estão prenhe, e quando Melissa pariu veio a surpresa eram dois borreguinhos. E daí por diante foram várias crias e sempre de dois,



umentando rapidamente o rebanho. Melissa tem de quatro a cinco anos de vida, nunca passou pela cabeça dos donos vendê-la, porém já foram vendidos alguns de seus filhotes que já são adultos, ela já tem netos e bisnetos, continua sendo o xodó. no entanto tornou-se um pouco agressiva quando Carla se aproxima, acredita-se que seja por conta do instinto protetor que os animais tem, pois carinho e cuidados a ela não faltam.

HISTÓRIA DE UM ACONTECIDO

Aline Aparecida Félix dos Santos
Sítio Travessão-Igaci/AL

Há alguns anos atrás meu pai, conta que o lugar onde ele vivia era mal assombrado. Ele morava em um sítio chamado Juliana que fica localizado na cidade de Quebrangulo. O acontecido se deu quando meu pai ia passando à base de umas dez horas da noite por duas cancelas, pois o caminho era passando por grandes fazendas e tinha várias cancelas até chegar a sua casa.

Ao passar por uma dessas cancelas a outra se abriu sozinha, e quando ele fechou a outra fechou também. No momento seguinte meu pai viu um bicho, e achando que era um boi, seguiu em frente. Ao perceber que não se tratava de um boi, colocou a faca na mão, e partiu para cima do bicho, ai apareceu um cachorro preto, e o bicho sumiu no nada, sem explicação para o fato acontecido. Meu pai conta que ficou todo arrepiado e não via a hora de chegar em casa, mas apenas seguiu em frente sem olha para trás.

AS ÁRVORES

Lucineide Rodrigues da Silva
Sítio Colônia Agrícola

Durante minha infância, percebi algo até então muito particular de minha família, o fato dos cajueiros da nossa propriedade serem nomeados. Desde então surgiu em mim a curiosidade de buscar esclarecer o contexto histórico por trás desse costume.

Algum tempo depois tive uma conversa muito esclarecedora com os demais membros de minha família, e pude finalmente compreender e entender que não somente minha família carregava consigo esse costume, assim como também os demais moradores de Colônia.

A nomeação geralmente se dá a partir das características próprias, a

exemplo da estrutura e dos frutos do cajueiro. Levando em consideração que é uma forma bastante prática na hora de identificar e diferenciar os mesmos. Colônia Agrícola dispõe de uma variedade de cajueiros, a maioria deles nomeados pelas famílias da região, esbanjando criatividade através de seus nomes muito característicos de cada árvore.

Em minha propriedade existe uma variedade de nomes, temos o cajueiro Banana, que tem traços muito semelhantes a uma banana, comprido e amarelo. Tem o Vermelhão, possui suas folhas sempre muito vermelhas, assim como seus frutos. Virado, esse teve seu tronco totalmente virado por uma longa chuva forte e com muita ventania, porém continua florescendo normalmente e dando muitos frutos no seu período de produção. Da Porteira, o mesmo recebeu este nome, pois é muito próximo a uma porteira que dá acesso a nossa residência. Pimenta, tem seus frutos grandes, porém o sabor do caju é similar ao de uma pimenta. E o cajueiro Tesouro, esse tem um significado muito importante economicamente, seus frutos são grandes e pesados.

Toda essa particularidade de Colônia enriquece ainda mais nosso Semiárido, pois em cada região existe uma história, uma tradição muito particular e muito importante, passada de geração para geração.

Mas contudo, sabemos que o sertanejo sofre com as consequências das condições climáticas e o descaso dos governantes com relação a essa situação. Contudo, a vida e a nossa cultura não se restringem a seca e ao sofrimento. A vida cotidiana, os saberes e as tradições culturais do Sertão englobam uma diversidade de significados particulares que diferencia esse Nordeste.

UM LUGAR

Thales da Silva Gomes
Sítio Algodãozinho – Igaci/AL

O Semiárido de uma localidade não se caracteriza apenas pelas características climáticas, seu conceito vai além de um local seco, com poucas chuvas, onde mora o vaqueiro que tem uma vida sofrida. O Semiárido também diz respeito aos elementos culturais de uma certa comunidade ou região.

A comunidade do Sítio Algodãozinho tem como características culturais o futebol, as religiões, a agricultura, e as festas de aparação.

A comunidade em que vivo, posso dizer que é uma pequena parte do Nordeste brasileiro privilegiada, pois o nosso sertão é um local solidário, onde todos se ajudam, desde a aração das terras até a colheita.

Com essa grande seca a partilha da água daquelas pessoas que a tem doar para aquelas que não têm acesso a uma água boa. Isso sim, posso dizer que é Semiárido, e não um local que é a penas seco e com poucas chuvas.

HISTÓRIA DE VIDA

*Élida Fernanda
Sítio Jacaré-Igaci/AL*

O relato apresentado neste trabalho foi concedido pela senhora Lidiane Gonçalves, que, há 10 anos saiu do interior de Alagoas, mais especialmente do sítio Colônia Agrícola, onde residia com a família, para morar em São Paulo. Transcrevi o que ela me falou em áudio, sobre concepção que a mesma tem de seu lugar de origem, ou seja, do Semiárido. Lancei a proposta e deixei que ela falasse livremente, sem que eu precisasse fazer muitas perguntas. Ao reproduzir na escrita o que ela me relatou oralmente.

“Quando morava aí, via muito na TV falarem sobre seca no Nordeste e toda miséria que afirmavam existir, principalmente em relação à falta de água. Na minha cabeça, o lugar a que se referiam era outro, longe de onde eu morava, pois, na época em que eu morava aí chovia o suficiente, até para brejar o chão em lugares onde a terra era propícia a isso. A minha família, por exemplo, perdeu plantações muitas vezes, pelo fato da terra ser de brejo.

Por não ter um conhecimento amplo sobre o assunto, o lugar a que a TV se referia como Sertão Nordestino, era qualquer lugar, menos o que eu morava, mal sabia eu que o pedacinho de chão onde eu vivia também era refletido a partir dessa visão que era propagada lá fora. Não nego que passávamos por dificuldades financeiras, pois buscar qualificação profissional naquela época era algo muito raro para famílias pobres.

Apesar disso não considerava este lugar como miserável, menos ainda hoje em dia, que mesmo com todas as dificuldades existentes [...]. Fazendo uma comparação das condições que eram dadas principalmente para estudar na época em que eu morava aí e as que são dadas hoje em dia, é evidente as facilidades postas hoje. Mesmo sabendo que a escassez de chuva tem afetado em maior proporção a vida de quem mora não somente no Nordeste, mas em várias partes do país, a percepção que tenho de Nordeste, de Semiárido e como não falar, de Igaci, é de um lugar bom, que sim, são apresentadas dificuldades como em qualquer outro lugar, mas que também oferece condições de se viver bem, basta que busquemos a isso, é um lugar que oferece experiências únicas e que fazem muita falta.

Posso citar as histórias de Trancoso que faziam a gente arrepiar o cabelo, a família reunida no terreiro em volta da fogueira nas noites de São João. Sei que muitas tradições estão se perdendo aí e que nem tudo são flores, mas de alguma maneira essas coisas com certeza mexem muito com quem as viveram. As lembranças desse lugar nunca serão de miséria e lástimas.







Realização:

aagra
associação de agricultores alternativos



Apoio:



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE ALAGOAS



Financiador:

